

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

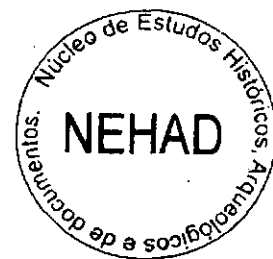
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

10,0
DM

A MULHER NA HISTORIOGRAFIA SOBRE O ANTIGO EGITO

Eliane Moreira Dias



Natal
1999

ELIANE MOREIRA DIAS



A MULHER NA HISTORIOGRAFIA SOBRE O ANTIGO EGITO

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela Professora Denise Mattos Monteiro, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Professor Roberto Airon.

Natal
1999

Amar significa amar o que é difícil de ser amado,
do contrário não será virtude alguma;
perdoar significa perdoar o imperdoável,
do contrário não será virtude alguma;
fé significa crer no inacreditável,
do contrário não será virtude alguma.
E esperar significa esperar quando já não há esperança,
do contrário não será virtude alguma.

Gilbert Keith Chesterton

Aos deuses (as) do antigo Egito, à todos que de
forma direta ou indireta ajudaram-me na realização
desta monografia e em especial aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por ajudarem nos momentos mais difíceis da minha vida, em que pensei em abandonar a universidade, sem eles eu não teria chegado ao final deste curso e muito menos realizado este trabalho.

Sou imensamente grata a professora doutora Françoise Dominique Valéry do Departamento de Arquitetura e coordenadora do NEPAM, pelo incentivo à pesquisa e por ceder-me as dependências do núcleo para digitar esta monografia. Sou grata também ao restante das pessoas que fazem parte do NEPAM ou já fizeram e incentivaram - me trabalhar com o que mais amo na História: a História do Antigo Egito.

Agradeço em especial a dois pesquisadores brasileiros que sem conhecer-me atenderam ao meu pedido, enviando-me material para enriquecer a minha pesquisa, Margaret Bakos (professora de pós graduação em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, que tive o prazer de conhecer durante a 51ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC) e Ciro Flamarion S. Cardoso (professor de pós graduação da Universidade Federal Fluminense).

Agradeço também a todos as pessoas amigas que sempre lembraram de indicar - me algum livro e reportagem que viram sobre o Egito. Aos professores do Departamento de História e especialmente a Maria das Graças Brandão (hoje aposentada), pela sua ajuda e carinho, não só como professora, mas também como amiga e ao meu orientador Roberto Airon.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	2
2. AS MUDANÇAS NA HISTORIOGRAFIA	4
3. A MULHER EGÍPCIA NA VISÃO TRADICIONAL	10
4. UMA OUTRA VISÃO DA MULHER EGÍPCIA	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6. BIBLIOGRAFIA	39
7 - ANEXOS	43

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em analisar a historiografia sobre o antigo Egito, existente em língua portuguesa e produzida após a década de 1930, para observar em que casos a mulher egípcia é citada, qual a visão construída pelos historiadores sobre elas na sociedade da época, quais fontes são trabalhadas pelos autores e as tendências historiográficas que influenciaram os mesmos.

A historiografia é uma área de pesquisa da História que proporciona trabalhar com qualquer período histórico e a História Antiga tem sido muito pouco estudada pelos historiadores brasileiros. Tratando-se da História Antiga do Oriente o interesse é ainda menor. Um exemplo disso é o de encontrarmos apenas dois pesquisadores, no Brasil que têm publicações na área, Ciro Flamarion S. Cardoso, professor de pós-graduação na Universidade Federal Fluminense (UFF) e Margaret Bakos, professora de pós graduação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Optamos pela bibliografia apenas em língua portuguesa para termos uma idéia da historiografia sobre o antigo Egito disponível ao público brasileiro. Em relação a década de 1930, nós a escolhemos por ser posterior a Escola dos Annales na França que proporcionou mudanças na forma como se escreve a História. Por isso, procuraremos saber se essas mudanças refletiram na historiografia sobre o antigo Egito.

A Escola dos Annales é uma corrente que surgiu em 1929 e foi liderada por Lucien Febvre e Marc Bloch, os mesmos tentaram disvincular - se dos padrões tradicionais, que visavam apenas a História Política, narrando acontecimentos que marcaram a vida de homens que estiveram de alguma forma no poder, como reis e chefes militares. Esse movimento historiográfico é o responsável pelo que chamamos hoje de Nova História e

apesar de não ter incluído de imediato a História das Mulheres, muito contribuiu para o seu surgimento.

Ao fazermos o levantamento bibliográfico, constatamos duas correntes historiográficas: uma corrente na qual a mulher é citada como esposas de faraós, e que classificamos como tradicional, pois visa apenas a História Política do antigo Egito. E uma outra corrente que demonstra como viviam as mulheres na sociedade egípcia, como dona de casa, fora dela, no trabalho e os direitos que possuíam, a essa corrente nós classificamos como não tradicional, uma vez que percebemos nela influência da Nova História.

A princípio imaginamos que apenas as obras mais recentes como "A Mulher no Tempo dos faraós" de Christiane Desroches Noblecourt, faziam referência ao papel da mulher na sociedade dessa época. No entanto, observamos que obras mais antigas também faziam o mesmo, como "O Egito no tempo de Ramsés", publicado no Brasil em 1989, mas sua primeira edição consta de 1946, porém, casos como esse são minoria.

Dividimos esse trabalho em três capítulos. No primeiro delineamos os conhecimentos que proporcionaram a realização dessa pesquisa, as mudanças na historiografia. No segundo capítulo tratamos da tendência tradicional e o terceiro da visão não tradicional.

2 - AS MUDANÇAS NA HISTORIOGRAFIA

A História é a única ciência que tem uma área de pesquisa sobre sua própria produção, analisando-a de forma crítica, a historiografia. A mesma tem por objetivo demonstrar o quanto a produção científica em História tem se modificado no decorrer do processo histórico e recebido influência específica de cada época¹.

Dessa forma, é possível percebermos o quanto o historiador está preso à época em que viveu e por mais que tente, não consegue passar imune às influências, deixando-as impregnadas em sua obra.

Durante muito tempo, a escrita da História esteve presa aos acontecimentos políticos e militares, narrando apenas os fatos que marcaram a vida de homens que estiveram de alguma forma no poder, como reis e chefes militares².

Mas, em todos os períodos é possível encontrarmos historiadores que fogem à regra. Segundo Peter Burke, no século XVIII já havia historiadores preocupados com a "História da Sociedade", "História da Arte, da Literatura e da Música". No século XIX, o historiador francês Fustel de Coulanges, escreveu uma obra: "A Cidade Antiga" que fugia completamente dos padrões da época³, por fazer uma análise da formação das cidades, através do desenvolvimento da religião.

No entanto, essas vozes discordantes, que procuravam dar outro rumo à História sempre foram minorias no seu tempo e não conseguiram influenciar muita gente.

¹ FREITAS, Marcos César. *Da micro história à história das idéias*. p.12-13

² BURKE, Peter. *A escola dos annales: 1929-1989: a revolução francesa da historiografia*. p. 16

³ *Ibidem*, p. 19

Em 1929 surgiu na França uma revista chamada “Annales: d’histoire économique et sociale” que pretendia não ser apenas uma revista histórica, pois foi planejada para *exercer uma liderança social e econômica*. Tentando ser a responsável em difundir *uma abordagem nova e interdisciplinar da História*, fundada por Lucien Fèvre e Marc Bloch. Ambos, foram os responsáveis pelo movimento historiográfico, conhecido como Escola dos Annales que permanece influenciando inúmeros historiadores. O primeiro número da revista saiu no dia 15 de janeiro e predominaram os artigos de historiadores voltados para o estudo dos fenômenos econômicos⁴. A idéia dessa escola histórica era escrever *um novo tipo de História*⁵. No entanto, ao ficarem presos à História Econômica, estavam também privilegiando apenas um lado dos fatos, mas já era um grande avanço sair dos padrões tradicionais. O surgimento da Segunda Guerra Mundial fez com que as idéias dos Annales não se propagassem de forma satisfatória⁶.

A História Tradicional continuou predominando em diversos países, suas características principais são: ênfase quase que exclusiva na narrativa dos fatos; visão dos fatos através do prisma da classe dominante; basear-se apenas em documentos. Em contrapartida, surgiu a Nova História e a percepção trazida por ela dos fatos históricos é o oposto do *paradigma tradicional*. A História Política deixa de ser tão importante; procura-se trabalhar com o social; analisa-se as estruturas políticas, econômicas e sociais; preocupa-se com a visão do povo em relação aos acontecimentos históricos, que será diferenciada, pois este tem uma outra forma de ver os acontecimentos; novos tipos de fontes⁷ são utilizadas, uma vez que os documentos escritos omitem muita coisa⁸.

A expressão *Nova História* passa a ser utilizada com maior frequência nas décadas de setenta e oitenta quando *a reação contra o paradigma tradicional tornou-se mundial*, e para várias pessoas, está ligada à influência tardia da Escola dos Annales⁹.

Segundo Peter Burke, as mudanças ocorridas no âmbito internacional, como a descolonização¹⁰ e o feminismo, contribuíram muito para as mudanças na historiografia¹¹,

⁴ Ibidem, p.33

⁵ Ibidem, p.38

⁶ Ibidem

⁷ Fotografias, iconografia, relatos orais, documento arqueológico figurativo

⁸ BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*, pass.

⁹ Ibidem, p. 17

¹⁰ Sobre esse tema, indicamos a leitura de: CANÊDO, Leticia Bicalho. *A descolonização da Ásia e da África*. Campinas: Atual, 1986.

¹¹ BURKE, op. cit., p.19-17

pois nasceu a preocupação em estudar e compreender “o outro” que em alguns casos é o descolonizado e em outros a mulher. No caso do feminismo, o movimento contribuiu para quebrar o silêncio das historiadoras que procuraram resgatar a História das Mulheres¹². Antes disso, apesar de raro, alguns historiadores, como Michelet no século XIX chegou a desenvolver pesquisas sobre a mulher. Michelet deteve-se nesse tipo de enfoque *realçando, de forma coerente com o pensamento dominante do seu tempo, a identificação deste sexo com a esfera privada*¹³.

Segundo Michele Perrot, um dos motivos da exclusão da mulher na historiografia acontece porque:

*O ofício de historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do Homem em geral, tão assexuado quanto a humanidade*¹⁴.

Para comprovarmos a afirmação da autora de “Os Excluídos da História,” basta fazermos uma leitura rápida da produção historiográfica anterior ao surgimento da Nova História. Dificilmente encontraremos referência à mulher e quando há, percebemos o quanto é preconceituosa, pois relaciona o desenvolvido por elas à futilidades, intrigas e traições. Perrot também afirma que a exclusão ocorre em grande parte porque a mulher esteve ausente da esfera política, local privilegiado como exclusivo do poder¹⁵. Mas, apesar de não ser freqüente, é possível encontrarmos citações referentes à mulheres exercendo cargos políticos, mesmo na Antigüidade, como é o caso de Hatshepsut¹⁶. No entanto, não houve preocupação por parte dos historiadores em explorar casos como esse. Deixando-nos a entender que a omissão pode ser proposital.

Como diz Margareth Rago:

¹² RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: *Cultura histórica em debate*. p.81

¹³ SOIHET, Raquel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história e ensaios de teoria metodologia*. p. 275

¹⁴ PERROT, Michele. Os excluídos da história. p. 185

¹⁵ *Ibidem*, p.186

¹⁶ Governou o Alto e o Baixo Egito durante a XVIII dinastia como faraó

*A recente inclusão das mulheres no campo da historiografia tem revelado não apenas momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos, mas também um alargamento do próprio discurso historiográfico*¹⁷.

Sendo assim, constata-se que os vestígios da presença feminina sempre existiram, apenas não eram explorados. É possível dividir a História das Mulheres em duas fases, a primeira tem início na década de 1970, quando pesquisadores de diversas áreas, como Sociologia, Antropologia e História, buscam os rastros da mulher em todos os momentos da vida cotidiana, preocupando-se com a *opressão masculina e capitalista sobre elas*. A segunda surge na década de 1980 e preocupa-se em *revelar a presença das mulheres atuando na vida social*¹⁸.

A partir desses dois momentos, com certeza a mulher começou a aparecer na historiografia com maior frequência, mas ainda existe muito a ser explorado e a História das Mulheres ainda sofre resistência e discriminação por parte de alguns historiadores. No entanto, como diz Soihet, *o desenvolvimento da história das mulheres, articulado às inovações do próprio terreno da historiografia, tem dado lugar à pesquisa de inúmeros temas*¹⁹.

Rago diz que:

*O trabalho histórico permite subsidiar o movimento feminista, respaldando suas reivindicações e demandas, tanto, quanto reforçando o delineamento da dimensão de uma cultura específica das mulheres, que não data de duas décadas apenas, trata-se de um acerto de contas com o passado como meio de garantir uma maior combatividade no presente: a exemplo de nossos avós, somos chamados à luta que ocorre no presente*²⁰.

¹⁷ RAGO, op. cit., p.81

¹⁸ Ibidem; p.82-83

¹⁹ SOIHET, Raquel. História das mulheres. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Os Domínios da história e ensaios de teoria e metodologia*. p. 280

²⁰ RAGO, op. cit. p.:87

Apesar de nosso trabalho ser historiográfico, tem a mesma utilidade citada acima por Rago, pois à medida que fomos abordando a visão dos autores sobre a mulher no antigo Egito, estaremos em parte, resgatando sua História.

Em relação à historiografia sobre o antigo Egito, não podemos dizer que exclua por completo a mulher, pois esta aparece como esposas de faraós e em casos específicos como o de Hatshepsut que tornou-se ela própria um faraó. Além disso, as mulheres são citadas por sua beleza e em relação aos ornamentos que utilizavam para se enfeitarem. No entanto, há pouca referência sobre o papel da mulher na sociedade da época, existindo uma completa omissão por parte da maioria dos historiadores. Alguns deles chegam a ensaiar a temática, citando que a mulher egípcia *gozava de grande prestígio* mas não desenvolve a afirmação e demonstra apenas a situação das rainhas que poderiam exercer a função de governante²¹.

Como era de se esperar predomina a valorização da História Política e Econômica. Por isso, não há espaço para a mulher que irá aparecer com maior frequência no âmbito social.

A partir da década de 1970, acreditamos que algumas mudanças começaram a surgir, pois foi o período em que a Nova História expandiu-se mundialmente, mesmo que os trabalhos publicados nessa época ainda estivessem sobre a influência do passado. O *Egito Antigo de Ciro Flamarion S. Cardoso*, publicado pela Brasiliense, em 1982 é um exemplo de que o mesmo ainda não havia sido influenciado pelas novas tendências. No entanto, vamos encontrá-lo na década de 1990, com sua tese por título: “*Hekanakht: pujança passageira do privado no Egito antigo*”, onde o mesmo dedica um tópico do capítulo III (intitulado: “*uma casa em Nebsyt*”), à casa e à família que inclui obviamente a mulher. Cardoso justifica o fato de antes não haver interesse pela História Social do antigo Egito porque a arqueologia, passou muito tempo, trabalhando a serviço de museus que estavam interessados em belos objetos para exibi-los, por isso as escavações se concentraram em templos e tumbas²².

Cardoso, tem também um artigo publicado pela Universidade de São Paulo (UNESP) em 1993, sobre: “*Algumas Visões da Mulher na Literatura do Egito Faraônico* (

²¹ DIAKOV, V.; KOVALEV, S. *História da antigüidade*. p.179

²² CARDOSO, Ciro Flamarion. *Hekanakht: pujança passageira do privado no antigo Egito*. p.162

II milênio a.C.)”. A historiadora Margaret Bakos , professora da pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, também publicou artigos sobre a mulher egípcia²³. Os artigos de ambos, demonstram a posição da mulher na sociedade egípcia antiga.

Foi com base na obra de Christiane Desroche Noblecourt²⁴, “A Mulher no Tempo dos Faraós” e nos artigos dos historiadores brasileiros já citados, que resolvemos estudar a mulher na historiografia sobre o antigo Egito, pois percebemos que esta teve um papel participativo na sociedade. As fontes, apesar de fragmentadas existem para comprovar essa participação.

Segundo Ciro Flamarion isso poderia ser diferente pois:

O quadro de fontes, sem ser ideal - muito longe disto - , permitiria, sem dúvida, ir mais longe do que tem sido feito quanto à história da família egípcia antiga. Conservaram-se documentos de direito privado, judiciários, administrativos, literários, numerosos textos e iconografia funerários relativos a casais ou famílias²⁵.

Por isso, observaremos que fontes foram trabalhadas pelos autores; quais as tendências historiográficas que influenciaram os mesmos; em que casos a mulher egípcia é citada e qual a visão construída pelos historiadores sobre elas na sociedade da época.

Dessa forma, analisaremos o grau de influência que cada autor recebeu de sua própria época, e de que forma a mulher insere-se no discurso de cada um deles.

²³ Intitulados: “Moças da Alegria” e “Visões da Mulher no Antigo Egito” que serão analisados no terceiro capítulo.

²⁴ Historiadora francesa especialista em egiptologia

²⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Hekanakht: pujança passageira do privado no antigo Egito*. p.163



3 - A MULHER EGÍPCIA NA VISÃO TRADICIONAL

Trataremos aqui da produção historiográfica sobre o antigo Egito existente no Brasil e classificada por nós de tradicional, por dar ênfase a História Política. Quase todas as obras são de autores estrangeiros, traduzidos para a língua portuguesa. Apenas “O Egito Antigo” de 1982 é de um historiador brasileiro, Ciro Flamarion S. Cardoso.

Utilizaremos com maior atenção cinco bibliografias: “O Antigo Egito” de Lionel Casson; “Pirâmides, Esfinges e Faraós” de Kurte Lange; “O Egito dos Faraós” de Frederico Arborio Mella e “O Egito Antigo” de Jean Vercoutter.

Lionel Casson é considerado uma autoridade nos estudos sobre a vida nas civilizações antigas. Consta que foi professor de História Clássica na Universidade de Nova Iorque e dirigiu um curso de verão de História Clássica na Academia Americana em Roma, nos anos de 1963 a 1965. Entre as obras de sua autoria encontramos: “The Ancient Mariners, Seafarers and Sea, Fighters of the Mediterraneo in Ancient Times (os Antigos Marinheiros e Combatentes do Mediterrâneo nos Tempos Antigos) e Masters of ancient Comedy (Mestres da Comédia Antiga).

Em “O Egito Antigo”, Casson faz uma síntese da História do antigo Egito enfatizando a História Política, vemos isso claramente quando ele diz:

Nas duas primeiras dinastias, que se estenderam por cerca de 400 anos, o Egito saiu da obscuridade pré - histórica para a luz plena da História. É a partir desse ponto que se contam os seus grandes períodos. Dividem-se em três eras principais - O Antigo Império, O Médio Império e o Novo Império, separados por dois períodos

*intermediários em que o destino do país esteve temporariamente em maré baixa*²⁶.

À exemplo de outros autores, Casson fica preso a divisão política acima citada e trata outros aspectos da sociedade egípcia, como a religião e a cultura de forma muito sucinta. O mesmo utilizou-se basicamente de fontes bibliográficas, consultando uma bibliografia específica para cada temática abordada. As pinturas encontradas em templos e tumbas de faraós também foram analisadas pelo historiador.

Em relação a mulher, esta aparece muito pouco, exceto como esposas de faraós e no caso de Hatshepsut no qual Casson cita que:

*O Egito faraônico produziu uma série de mulheres excepcionais, sendo Hatshepsut a que mais se destacou. Muitas mulheres de faraós tinham tido lugar ao sol ao lado de seus maridos, e duas delas haviam governado por tempo breve, mas Hatshepsut foi a primeira que se arrogara a divindade e a realeza, usando a Dupla Coroa, que indicava a soberania sobre as duas regiões do Alto e do Baixo Egito*²⁷.

Apesar dele citar que existiram *mulheres excepcionais* e que duas rainhas governaram em tempo breve, não fala sobre elas. A posição social da mulher na sociedade egípcia não é explorada pelo autor, ele apenas comenta que:

*Todos tinham de trabalhar. As mulheres embora precisassem de atender às tarefas domésticas, também prestavam serviço no campo. Na época da colheita, todos se espalhavam pelas plantações para juntar a safra e festejar o fato de a fome ter sido afastada mais uma vez*²⁸.

Outra vez, o autor fornece-nos uma informação sem maiores detalhes. Nessa percebemos que a mulher egípcia camponesa exercia as mesmas funções dos homens, em acumulação ao de dona- de - casa. Adiante ele vai dizer *embora a casa fosse dirigida pelo*

²⁶ CASSON, Lionel. *O Egito antigo*. p. 12

²⁷ *Ibidem*, p. 56

²⁸ *Ibidem*, p. 40

*mordomo do nobre, há provas de que a mulher dele tinha também liberdade de ação*²⁹. Nesse caso, Casson não mais trata da mulher comum, mas a uma nobre. No entanto, não diz que *liberdade de ação* era esta e quais as provas existentes que comprovam essa afirmação.

No mais as mulheres egípcias são citadas por sua beleza e pelos objetos que usavam para ornamentar a sua aparência física, como Casson diz na página 119: *as mulheres sentavam-se com cones de incenso oleoso e perfumado nos elegantes penteados*.

Os contos egípcios que falam sobre a mulher também são citados, assim como a sua função de sacerdotisa nos templos religiosos:

*As mulheres serviam como sacerdotisas em tempo parcial e às vezes exerciam funções idênticas às dos seus colegas masculinos. Por exemplo, durante a 18ª dinastia, o faraó nomeou a sua rainha para um dos mais eminentes cargos religiosos do país - o de segundo grão sacerdote do deus Amon, em Carnaque. De um modo geral, porém as sacerdotisas se limitavam a desempenhar o papel de cantoras e musicas*³⁰. (ver foto em anexo, figuras 1 e 2).

Kurt Lange é arqueólogo alemão, seu livro, “Pirâmides, Esfinges e Faraós” foi publicado no Brasil em 1958. Para realizá-lo, ele passou vinte e cinco anos pesquisando a respeito do antigo Egito, não só através de pesquisas de gabinete, como também em contato direto com objetos da época, além de passar quatro anos no Egito. O mesmo consultou documentos e estudou diversas obras egípcias encontradas em museus e coleções particulares. Sendo assim, percebemos que o autor trabalha mais com fontes primárias.

A abordagem feita por Lange em cada capítulo é temática, no entanto, também a exemplo de outros autores, prende-se a divisão política, citada por Casson. Porém, de forma menos densa, pois ele descreve a História Política do antigo Egito a partir de achados arqueológicos.

Lange faz um comentário em relação ao estudo da História Antiga e sobre um dos objetivos de sua obra:

²⁹ Ibidem, p. 112

³⁰ Ibidem, p.86

Demonstrar de maneira vibrante, que o estudo da História antiga é mais apaixonante, mais vivificante que o das produções da imaginação poética. Os maiores criadores têm aliás, quase sempre recorrido aos assuntos que ela lhes oferece à inspiração e é a ela que reverte, em grande parte, a glória que lhes liga ao nome. É, de certo, a substância viva da História - e não uma coleção de datas, por si mesmas fúteis, ou o registro livresco dos grandes acontecimentos - o ensino deve comunicar, se se quer revivê-la plenamente e com proveito. Quem quer que dela se desprender será impotente em comunicar - lhe o calor³¹.

Em relação a mulher esta só aparece na função de rainha, dedicando o autor um capítulo ao tema, dizendo que:

Algumas rainhas atraem singularmente nossa atenção (...), a rainha Ahhotep - mãe de Ahmosis e de Kamosis, vencedores dos hicsos- Ahmés- Nefertan- mãe de Amenôfis I e a rainha Heteferes (...). Gostaríamos, porém de saber mais sobretudo a respeito das soberanas autócratas que reinaram muito tempo sozinhas e que fizeram obra política duradoura³².

Ao citar essas rainhas, o autor ainda comenta sobre as soberanas que governaram. Adiante, ele diz em que condições essas rainhas reinaram:

Muitas rainhas desempenharam um papel importante na corte, após a morte de seu mestre e senhor (...). Se o príncipe ou a princesa hereditários eram demasiados jovens para reinar, por morte de seu pai, era a rainha que assegurava o interregno, como o fez, por exemplo, Tii, mãe de Akhenaton³³.

Vemos com isso, a importância que as mesmas exerciam dentro da sociedade egípcia. Mas e a mulher comum? Em nenhum momento há referência a elas. Quanto a Hatshepsut, Lange comenta que:

³¹ LANGE, Kurt. *Pirâmides, esfinges e faraós*. p.8

³² *Ibidem*. 219

³³ *Ibidem*

As escavações destes últimos anos enriqueceram igualmente com seu derradeiro capítulo o romance tumultuoso da vida de Hatshepsut, que conhecemos hoje em todos seus pormenores. (...) As estátuas e os baixos-relevos no-lo mostram curiosamente masculinizada, trazendo à cabeça a coroa dos faraós, com rosto ornado da barba ritual, revestida de todas as insignias da realeza, seus títulos são os do faraós, exceto talvez o de "touro possante" ao qual parece ter ela renunciado³⁴.

Hatshepsut mereceu maior atenção por parte de Lange, por ter se afirmado no âmbito da política de forma direta, ao contrário das outras rainhas. Apesar dele citar que algumas e não apenas uma governou o Egito, mas praticamente não se tem informação a respeito.

Ciro Flamarion Santana Cardoso é atualmente professor da pós graduação em História na Universidade Federal Fluminense (Niterói). Formou-se em História em 1965 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fez doutorado na Universidade de Paris (Nanterre). Tem diversas obras publicadas sobre História Antiga, entre elas : "Sete Olhares Sobre a Antigüidade e "Antigüidade Oriental: política e religião".

Em "O Egito Antigo" Cardoso faz uma síntese da História Política do, enfocando alguns aspectos da vida intelectual, como religião e artes plásticas. As estruturas econômico - sociais são as mais analisadas. Vemos isso claramente quando ele diz:

Muitas "Histórias do Egito" são, na verdade, quase exclusivamente Histórias dos reis egípcios: suas dinastias, batalhas, conquistas, construções, e outros feitos. Uma tal distorção é em parte o resultado do caráter predominante da documentação escrita e arqueológica disponível, a qual ilumina sobretudo a religião e a monarquia. Neste pequeno livro trataremos de dar atenção suficiente - nos limites das dimensões reduzidas da obra- às estruturas econômico - sociais e culturais mais vastas da civilização faraônica, inclusive ao abordar a História política³⁵.

³⁴ Ibidem, p. 225

³⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion. *O Egito antigo*. p. 12

A mulher egípcia só aparece na figura de Hatshepsut e ao tratar da legitimidade ao trono:

Para os egípcios, o caráter divino dos reis transmitia-se pelas mulheres: era preciso que o herdeiro fosse filho não só do rei, mas também de uma princesa de sangue real; daí os freqüentes casamentos de faraós com suas irmãs e meias-irmãs, e ocasionalmente com suas próprias filhas. Quando o novo rei era filho de uma esposa secundária, ou de fato um estranho à linhagem real, devia casar-se com uma princesa de sangue. Ao falharem os expedientes normais, podia ocorrer a legitimação por ficção religiosa: um oráculo do deus Amon; ou então, a afirmação de que deus teria pessoalmente gerado o soberano em sua mãe terrestre - teogamia. O segundo artifício foi usado pela rainha Hatshepsut para legitimar sua usurpação, apoiada pelo sumo sacerdote de Amon, Hapuseneb³⁶.

Cardoso ainda faz uma breve citação sobre Nefertiti, citando-a como esposa de Akhenaton e dizendo que a mesma deu diversas filhas ao marido.

Cardoso consultou apenas fontes bibliográficas. Nas indicações para leitura no final de seu livro, páginas 109-113, constam algumas obras que serão ou já foram por nós analisadas: “O Egito Antigo” de Lionel Casson; “O Egito dos Faraós” de Frederico A. Arbório Mella que ele diz ser uma *compilação feita segundo critérios duvidosos de seleção de materiais (não esclarece qual é), mas informativa*. Algumas das obras em outras línguas citadas por Cardoso, já estão disponíveis em língua portuguesa, como o “Atlas of Ancient Egypt” de Jonh Baine e Jaromir Málek, que foi publicado pela Del Prado com o título: “O Mundo Egípcio: deuses, templos e faraós”, em 1996.

Frederico A. Arbório Mella autor de “O Egito dos Faraós”, diz que sua obra nasceu do fato de não encontrar informações satisfatórias, entre tantas outras sobre determinados faraós, como Hatshepsut. Como também pelo fato da maioria dos livros sobre o antigo Egito passarem idéias muito generalizadas acerca da arte e da religião.

³⁶ Ibidem, p. 62

Para escrever “O Egito dos Faraós”, Mella consultou obras bibliográficas e especialistas da área, como a professora Maria Ângela Vandoni da Universidade de Millão. A primeira publicação de sua obra foi em 1977, na Itália. A edição brasileira é de 1994.

Mella também fica preso a História política, mas dedica um capítulo específico à religião, outro à literatura, às artes e às ciências.

A mulher egípcia aparece nos mesmos casos já citados. Ao falar da VI dinastia, ele diz:

Dos sucessivos reis desta dinastia nada sabemos, a não ser que, entre eles, houve uma rainha, de nome Nictocri, sobre cujo mau caráter nos informa Heródoto e cuja beleza e nobreza de alma são exaltadas por Mâneton; quanto ao seu modo de governar, não está relatado o fato de que tentavam opor-se de qualquer maneira à progressiva autoridade mas nada conseguiram e então sobreveio a exonerado³⁷.

Não só nessa citação de Mella como nas anteriores, temos a impressão de que não há meios de sabermos mais sobre as mulheres na sociedade egípcia, sendo as rainhas, as únicas sobre as quais podemos ter informações mais precisas e mesmo assim de forma fragmentada.

Em relação aos autores já citados, Mella dedica mais tempo ao governo da faraona Hatshepsut e diz que:

O seu reinado foi de paz e de prosperidade durante o qual o Egito pôde reconstruir-se plenamente. A primeira coisa a que se dedicou com alegria foi à restauração de tudo o que tinha sido destruído ou abandonado ao desleixo durante o período dos hicsos³⁸.

A esposa do faraó Amenófis III é citada com ênfase:

Amenófis III casou-se com uma mulher de origens suspeitas, provavelmente não reais, talvez fenícia ou siria. Seu nome era Teje ou Tii. Inteligente, dedicada e presumivelmente intrigante, teve

³⁷ MELLA, Frederico A. Arborio. *O Egito dos faraós*. p. 114

³⁸ *Ibidem*, p. 140

*muita influência nos negócios de governo e nas particularidades do marido, que muito estimava e que mandou construir um suntuoso palácio para ela*³⁹.

Outras rainhas são citadas também pelo autor, como Nefertiti e Nefertare, esposa de Ramsés II. No entanto, na parte que trata da literatura egípcia, não há referência aos textos que falam sobre a mulher no antigo Egito, apesar de se referir aos ensinamentos de Ptahotep, que se sabe incluir a mulher.

Jean Vercoutter é historiador francês, o mesmo faz uma síntese da História Política do antigo Egito. Mas, antes disso procura demonstrar o porquê de se estudar a civilização egípcia e faz um histórico de como passou-se a conhecer a história da terra dos faraós. Além disso, situa o Egito geograficamente, fala de sua situação física e dos homens que ali viviam.

Ao relatar a importância de se estudar sobre o antigo Egito, Vercoutter diz:

*A continuidade da civilização é particularmente útil para a compreensão da História Universal: não só lança luz sobre a vida antiga no continente africano, sobre o qual nada saberíamos sem ela, como também nos permite estudar e datar alguma das revoluções técnicas ou morais que afetaram a vida da humanidade antiga.*⁴⁰

Vercoutter ao tratar da mulher não faz diferente dos autores já citados. A diferença encontra-se apenas nas informações passadas, continuando as rainhas a serem o centro das atenções; ao tratar do Médio Império ele diz:

*A III dinastia termina com os reinados inglorioso de um rei e de uma rainha - Amenemés IV e Sebne - feruré - a respeito de quem nada sabemos: talvez a decadência da dinastia tenha sido muito rápido durante seu reinado*⁴¹.

³⁹ Ibidem, p. 179

⁴⁰ VERCOUTTER, Jean. *O Egito antigo*. p. 9

⁴¹ Ibidem, p. 67

A obra desse autor foi publicada no Brasil em 1986, a data da edição francesa não consta, mas Cardoso na obra “O Egito Antigo”, cita a data da 6ª. edição que é de 1968. As fontes utilizadas foram apenas bibliográficas. Vercoutter comenta a respeito da influência da rainha Nefertiti sobre seu marido Amenófis IV (Akhenaton):

Parece, a propósito, que a mulher de Amenófis IV, Nefertiti, exerceu fundamentalmente influência na revolução operada pelo marido. Se ela não favoreceu a introdução do novo culto, em todo caso permaneceu-lhe fiel por mais tempo que o próprio marido⁴².

No conjunto das cinco obras analisadas sobre o antigo Egito, a mulher aparece de forma semelhante. Por isso, há mais citações de um determinado autor do que de outro, para não sermos repetitivos. Vimos também que foram produzidas em décadas diferentes, mas todas após a década de 1950. A diferença entre elas, em alguns casos, encontra-se nas fontes utilizadas pelos historiadores. Apesar de todos seguirem um mesmo tipo de narrativa, pertencem a nacionalidades diferentes. De todos eles, apenas Casson comenta mais sobre a mulher, no entanto, de forma dispersa, o que pode ser observado através das citações, que foram localizadas em diferentes partes da obra.

Um outro ponto em comum sobre essas obras é o fato de tratarem exclusivamente sobre a História do antigo Egito, o que não acontece em obras como: em “História das Sociedades: das comunidades Primitivas às Sociedades Medievais” de Rubim Aquino; Denise Franco de Azevedo e Oscar G. P. Campos Lopes, os autores tentam abranger dois longos períodos da História, a Antigüidade e a Idade Média, reservando ao Egito uma síntese que serve apenas para despertar a curiosidade do leitor em novas leituras. Mário Curtes Giordani em “História da Antigüidade Oriental” dedica um capítulo ao Egito. E “História antiga” de Paul Petit, abrange a Antigüidade Oriental e Ocidental de forma precária. Na primeira, a mulher é completamente excluída, nem Hatshepsu é citada, quanto as outras duas, em uma a mulher aparece como sacerdotisa, na outra cita-se o governo de Hatshepsut.

⁴² Ibidem. p. 82

4 - UMA OUTRA VISÃO DA MULHER EGÍPCIA

A nossa proposta neste capítulo é demonstrar uma tendência historiográfica diferenciada da que tratamos anteriormente. Nessa a mulher egípcia aparecerá de diferentes formas e tomaremos conhecimento de seu papel na sociedade da época. Algumas das obras que citaremos aqui foram produzidas na mesma época das já analisadas. Dessa vez, enfatizaremos a obra de dois historiadores brasileiros, Ciro Flamarion S. Cardoso (já citado no capítulo anterior) e Margaret Marchiori Bakos e autores estrangeiros.

Nessa tendência que podemos classificar de não tradicional, pois não fica presa aos acontecimentos políticos e militares, constatamos que além de obras que tratam do antigo Egito como um todo, há também obras específicas sobre a *mulher*.

As fontes bibliográficas que analisaremos são: "O Egito no Tempo de Ramsés" de Pierret Montet; "Hekanakht: pujança passageira do privado no Egito antigo" de Ciro Flamarion S. Cardoso; "Nossa Herança Horizontal" de Will Durant; "O Mundo Egípcio: deuses, templos e faraós" de Jonh Baine e Jaromir Málek; "Egito: Terra dos Faraós" organizado pela equipe da Editora Abril; "A Mulher no Tempo dos Faraós" de Christiane Desroches Noblecourt; "Mulheres Audaciosas da Antigüidade" de Vick León; mais os artigos intitulados: "Moças da Alegria" e "Visões da Mulher na Literatura do Egito Faraônico (II milênio a.C.)" de Ciro Flamarion Cardoso.

A princípio podem parecer obras distintas, sem ter nenhuma ligação entre si, mas todas, sem exceção, trazem uma nova visão da mulher egípcia na sociedade da época.

Iniciaremos a análise por duas obras que tratam de períodos específicos do antigo Egito e foram produzidas em épocas diferentes. Ambas falam de mulheres que tinham direitos garantidos na sociedade egípcia.

Pierret Montet é o autor de “O Egito no Tempo de Ramsés”, o mesmo foi o responsável por importantes descobertas do século XX, pois dirigiu no Líbano e no Egito, expedições arqueológicas. Foi professor da Universidade de Estrasburgo e do Collège de France, destacando-se também como membro de importantes institutos de arqueologia da França, da Alemanha e do Egito.

A obra já citada não se limita apenas a XIX dinastia, período em que os Ramsés governaram, pois com frequência o autor retorna a outras dinastias egípcias, para melhor compreensão do que está sendo abordado. A justificativa de Montet em dar maior ênfase a um período específico é :

Espalha-se a opinião de que o Egito permaneceu o mesmo de extremo ao outro de uma história interminável. Para não cair nessa falha era preciso primeiramente optar por uma época⁴³.

Adiante, Montet reafirma sua posição e o porquê de sua obra:

Protestando contra a tendência, manifestada em várias obras, de considerar o Egito como um bloco de três mil anos e de aplicar a toda civilização faraônica o que é estabelecido só para uma determinada época, não perdemos de vista que muitos costumes, muitas crenças tiveram no Egito muita dificuldade em se conservar⁴⁴.

A primeira edição dessa obra foi publicada em 1946 na França, mas no Brasil foi em 1989. Como trata-se da História do Cotidiano, em praticamente todos os capítulos encontramos referência à mulher. Mas é no capítulo três sobre a família que podemos perceber a situação da mesma no antigo Egito.

As fontes consultadas pelo autor são as mais variadas; ele utilizou-se dos dados coletados em monumentos, tumbas dos reis e das rainhas, papiros dos séculos XIII e XII a.C., romances, obras de polêmicas, coletâneas de cartas, listas de obras e de operários, contratos, atas e, o testamento político de Ramsés III.

⁴³ MONTET, Pierre. *O Egito no tempo de Ramsés*. p. 14

⁴⁴ *Ibidem*, p. 16



Montet não se restringiu a citar as funções exercidas pela mulher, ele vai mais fundo e comenta sobre a condição jurídica da mesma:

Quando uma mulher casada tem de ir ao tribunal, é chamada por seu nome, seguido do nome de seu marido (...). Um óstraco⁴⁵ de Tebas diz que o marido contribui com dois terço e a mulher somente com um terço desse patrimônio. Depois da morte de um dos cônjuges, o sobrevivente tem usufruto do todo, mas só pode dispor da parte que levou para o casamento⁴⁶.

Com isso percebemos que a mulher egípcia possuía alguns direitos na sociedade, apesar de ter um status inferior ao do homem. Um outro comentário feito pelo autor, refere-se a relação entre o faraó e a rainha:

Os pintores e os escultores apresentam-nos da família egípcia uma idéia simpática. O pai e a mãe se dão as mãos ou se abraçam pela cintura.(...). Sob o reinado de Akhenaton, era comum a representação das efusões do casal real (...). A partir do início da XIX dinastia, a arte egípcia reencontra sua austeridade, mas nas pinturas tumulares o marido e a mulher são sempre representados um perto do outro, unidos para a eternidade, assim como imaginamos que foram unidos durante a vida⁴⁷.(ver figura 4).

Ciro Flamarion S. Cardoso, citado no capítulo anterior, é também autor de “Hekankht: pujança passageira do privado no antigo Egito”, obra apresentada como tese e parte dos requisitos do concurso para professor titular de História Antiga e Medieval, da Universidade Federal Fluminense em 1993. A idéia de escrevê-la surgiu por causa de duas séries de trabalhos e reflexões. Um deles foi sobre as estruturas econômicas do Egito, no qual foi preciso fazer levantamento nos museus e bibliotecas da Europa e dos Estados Unidos. Nessa época (entre 1981 e 1986) os documentos de Hekanakht (sacerdote funerário e pequeno ou médio proprietário de terras da região de Tebas no início do Reino

⁴⁵ Lasca de calcário ou caco utilizado para a escrita (da palavra grega que significa caco); também fragmento de um vaso com inscrições.

⁴⁶ MONTET, op. cit., p. 57

⁴⁷ Ibidem, p. 58

Médio, possuidor de um arquivo, descoberto pelos arqueólogos em 1922) foram consultados, mas não se deu atenção especial. Depois, em 1991, decidiu fazer uma tradução desses documentos, juntamente com uma análise gramatical, o que acabou resultando na tese⁴⁸.

Cardoso consultou fontes primária egípcias (ver em anexo, exemplo de fonte primária consultada - parte do texto de Hekanakht), diversas bibliografias, como também obras auxiliares.

Em 1987 Cardoso defendeu uma tese resultante da pesquisa realizada no período de 1981 a 1986, mas como o mesmo diz: *foi uma análise geral de quase três milênios de História Econômica do antigo Egito, com ênfase menor no social*⁴⁹. Na tese em questão, no entanto, dar-se maior atenção a História Social (família, casa, relação público/privado), pois a série documental analisada - os sete papiros de Hekanakht - é de grande importância para estudar não só o social, como também o agrário. Esses documentos estão datados no Reino Médio (1550-1070 a.C.), mas nos trás uma idéia de como deve ter sido a vida da mulher egípcia na sociedade como um todo.

Cardoso diz que:

*A mulher egípcia era sui juris, penalmente e quanto à propriedade e à disposição de seus bens pessoais. Era de regra, ao que parece, que a administração dos bens tanto seus quanto do marido fosse feita em comunidade pelo último, o que segundo Bernadett Menu, seria conforme às estruturas do direito egípcio tendentes em matéria econômica a constituição universalidades de facto. (...). A mulher tinha capacidade de testar, contratar, agir em justiça, administrar a herança dos filhos, agir na gestão dos bens familiares na ausência do marido*⁵⁰.

Nessa citação percebemos que a condição jurídica da mulher egípcia vai além do que foi colocado por Montet, mas devemos levar em consideração a diferença de tempo que há entre as duas obras, que é de cinquenta e um ano. Sendo assim, percebemos que “O Egito no Tempo de Ramsés”, classifica-se como uma obra à frente de seu tempo.

⁴⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Hekanakht: pujança passageira do privado no Egito antigo*. p.1

⁴⁹ *Ibidem*, p. 2

⁵⁰ *Ibidem*, p. 165

Em um outro momento, Cardoso deixa claro que a posição da mulher egípcia na sociedade, sofreu altos e baixos:

Pareceria, que entre o Reino Antigo e o Reino Médio o papel da mulher que não fosse da família real decaiu na vida pública e nas profissões: naquele primeiro período, algumas mulheres podiam ocupar altas funções públicas e sacerdotais que envolviam controle sobre bens e pessoas (embora em número sempre muito inferior ao de hoje); tal já não se dava sob o Reino Médio, quando, no máximo, ocupavam posições subsidiárias nos templos, nenhuma na burocracia, e raramente trabalhavam fora de casa, só há quatro casos comprovados de mulheres designadas como “escribas”. Mostrou-se também que uma igualdade legal de direitos em matéria econômica e em outros domínios não significa necessariamente igualdade social efetiva da mulher, nem a possibilidade, para ela de exercer em forma plena, na prática, todos direitos que na teoria tinha à sua disposição⁵¹.

Sendo assim, mesmo com restrições, podemos dizer que a mulher egípcia teve participação não só na vida privada, como também na pública. No entanto, os historiadores permaneceram silenciosos durante décadas.

Will Durant publicou sua obra “Nossa Herança Oriental” em 1935, mas a edição brasileira que tivemos acesso, consta de 1963. Durant não teve formação de historiador, sua especialização foi em Biologia e Filosofia em uma igreja presbiteriana em Nova York, que serviu de subsídio para escrever sua coleção sobre História da Civilização.

A idéia de Durant era escrever sobre a História do século XIX, mas este percebeu que para melhor compreendê-la era preciso conhecer toda a História, desde a Antiguidade aos seus dias. Por isso, consultou fontes bibliográficas e também viajou por todo o mundo, para ver os vestígios das civilizações antigas.

Em “Nossa Herança Oriental” o autor faz uma síntese da História do Oriente, dedicando um capítulo ao Egito. Apesar dessa obra ter sido produzida em uma época em que ainda valorizava a História Política em detrimento da História Social, o autor faz referência a posição da mulher no Antigo Egito. O governo da faraona Hatshepsut também

⁵¹ CARDOSO, op. cit., p. 166

é citado de forma mais consistente, pois há comentários sobre as suas realizações como governante.

A exemplo dos dois autores já citados, Durant também comenta sobre a condição jurídica da mulher e em relação ao divórcio e a liberdade diz:

O divórcio era raro. O marido podia abandonar a mulher sem compensação, se a apanhava em adutério; se se divorciava por outros motivos, tinha de lhe dar uma substancial indenização(...). A posição da mulher mostrava-se muito mais elevada do que em muitos países de hoje. "Nenhum povo, antigo ou moderno" diz Max Müller, "deu à mulher tão elevada situação legal como o que habitou o vale do Nilo". Os monumentos pitam-na comendo e bebendo em público, percorrendo as ruas desacompanhadas e sêguras de si, e livremente tratando de negócios. Os viajantes gregos, afeitos a fechar em casa sua Xantipas, admiravam-se dessa liberdade; riam-se dos maridos egípcios governados pelas mulheres, e Diodoro Século, talvez piscando o olho, diz que a obediência do marido à mulher era condição exigida para o casamento. As mulheres mantinham propriedades em seu nome e as legavam livremente; um dos mais antigos documentos da História é um testamento da Terceira Dinastia, em que a senhora Nebsent transmite suas terras aos filhos⁵².

Através dessa citação de Durant, vemos que há muito se sabia da posição que a mulher egípcia ocupava na sociedade, pois ele cita Diodoro, um historiador da Antigüidade, que faz alusão a isso. No entanto, torno a perguntar porque a historiografia se manteve praticamente omissa por tanto tempo?

Ao contrário de outros autores, Durant procura justificar o porquê da mulher egípcia ter uma situação diferenciada de suas contemporâneas:

É provável que esta elevada situação da mulher decorresse do caráter matriarcal da sociedade egípcia. Não só era a mulher dona absoluta da casa, como todas as propriedades se transmitiam por linhas feminina (...). No decorrer do tempo o poder da mulher foi diminuindo, talvez por influência dos costumes patriarcais dos hicsos

⁵² DURANT, Will. *Nossa Herança Oriental*. p. 114

*e da passagem da paz do isolamento agrícola para o imperialismo e a guerra; sob os Ptolomeus foi tão grande a influência dos gregos que a liberdade do divórcio, até então privilégio feminino, transferiu-se para os maridos. Mas a mudança só foi aceita nas classes altas; o povo permaneceu no regime matriarcal. Talvez, em consequência deste regime da mulher como dona dos bens, fosse raro o infanticídio (...). Mesmo no namoro a iniciativa partia da mulher. Os poemas e cartas de amor que chegaram até nós são em geral dirigidos por uma mulher a um homem, é ela quem faz sugestões, quem aperta o pretendente e afinal propõe o casamento*⁵³.

Percebemos que a condição da mulher egípcia esteve ligada a situação política e econômica, enquanto o Egito não foi invadido por outros povos e possuía uma economia agrícola, a mulher gozou de uma maior liberdade, mas quando ocorreram mudanças nas estruturas citadas, essas foram perdendo seus direitos, como o divórcio.

Jonh Baine e Jaromir Málek são os autores da obra: “O Mundo Egípcio: deuses, templos e faraós”, a mesma se constitui de dois volumes que tratam de toda História do antigo Egito, não só do aspecto político, como também dos aspectos econômico e social, porém de forma resumida. Os autores consultaram bibliografia específica para cada temática abordada e se utilizaram constantemente de ilustrações egípcias para explicar determinados aspectos da sociedade ou para comprovar o que eles escrevem, como podemos ver nas figuras 5 e 6 (em anexo) em que as mulheres aparecem exercendo atividades cotidianas. A publicação da obra em português e distribuída no Brasil pela Del Prado é de 1996.

Baine e Málek comentam que:

*A situação das mulheres no Egito é claramente resumida no papel que lhes é atribuído na decoração mais antiga de túmulos. (...). Por vezes, ela acompanha o marido quando este observa cenas de trabalho, mas é com mais frequência representada quando o casal apresenta oferendas, podendo esta distinção indicar que o lugar dela era em casa.*⁵⁴

Os autores também citam:

⁵³ Ibidem, p. 115

⁵⁴ BAINE; JONH; MÁLEK, Jaromir. *O mundo egípcio: deuses templos e faraós*. p. 204

Nos túmulos mais antigos as mulheres estão ausentes dos trabalhos mais importantes e das diversões mais agradáveis, mas também não tem de realizar as tarefas mais duras.(...) O papel das mulheres nos períodos mais antigos parece ter sido muito modesto, embora isso possa ser devido a não podermos interpretar as integralmente as fontes⁵⁵.

Nessas duas últimas citações, percebemos que os autores procuram fazer uma leitura da iconografia egípcia para chegar a um parecer sobre o papel da mulher na sociedade. Ao contrário dos outros autores que fazem parte desse grupo, Baine e Málek não demonstram uma condição social muito favorável às mulheres egípcias, mas preferem não fazer afirmações:

Quase todas eram analfabetas e, portanto, excluídas da burocracia. Nas representações dos túmulos não se distingue sequer a mãe de um homem da sua mulher, sendo ambas figuras jovens.(...) Na realidade, a influência das mulheres talvez não fosse tão circunscrita e podem ter desempenhado papéis muito mais variados do que as provas parecem sugerir⁵⁶.

Os autores optaram deixar em aberto, o papel desempenhado pelas mulheres egípcias porque as provas, na opinião deles, não são suficientes.

As duas primeiras obras que relacionamos estão trabalhando um período específico da História do antigo Egito. As duas últimas são semelhantes as obras abordadas no segundo capítulo, diferenciando-se apenas no fato de incluírem a mulher, mas procuram também abranger todos os períodos históricos.

A obra “Egito: Terra dos Faraós” faz parte da Coleção Civilização Perdidas, publicada pela Editora Abril. A mesma contém um resumo da História do antigo Egito, narrada a partir de escavações arqueológicas e pesquisas feitas por egiptólogos.

Os consultores para realização da obra foram: David O’Connor, professor de egiptologia na Universidade da Pensilvânia, trabalha regularmente em escavações em Abidos, antigo centro cultural do deus Osíris; Dennis Forbs, escritor especializado em

⁵⁵Ibidem

⁵⁶ Ibidem, p.206

egiptologia, é editor de KMT, publicação periódica sobre o antigo Egito; Mark Lehner, professor de arqueologia egípcia no Oriental Institute, da Universidade de Chicago, dirigiu o estudo de campo da Esfinge de Gizé.

A exemplo da historiografia tradicional, a mulher aparece como esposas de faraós, mas não fica resumida a esse tipo de enfoque. No comentário sobre Hatshepsut consta que

Por muito tempo afastadas do poder as mulheres não hesitaram em tomá-lo quando isso se tornou possível, poucas conseguiram tão bem quanto Hatshepsut, cujo reinado trouxe ao Egito 22 anos de paz e prosperidade, além de alguns de seus mais belos monumentos⁵⁷.

Quando comenta-se sobre a mulher egípcia de um modo geral, encontramos a seguinte afirmativa:

No Egito do tempo das Dinastias as mulheres desfrutavam de maiores direitos que as esposas dos arqueólogos ingleses ou americanos que hoje as estudam. As donas de casa - título dado às mulheres casadas a partir do Médio Império - geriam seus próprios bens e recebiam, em caso de divórcio ou de morte do marido, um terço dos bens do esposo. Podiam fazer testamento e legar seus bens a quem desejassem, se morressem antes do marido, o patrimônio não seria legado a ele, mas sim aos herdeiros delas⁵⁸.

A obra é bastante ilustrada, mas em relação as mulheres, só há ilustrações de princesas e rainhas.

Christiane Desroches Noblecourt, outra autora, foi a primeira mulher a receber medalha de ouro do Centre National des Recherches Scientifiques (CNRS), e a ser nomeada membro do Instituto Francês de Arqueologia do Cairo. Ensinou epigrafia, foi chefe do departamento de preservação do acervo egípcio do Louvre, como também professora de arqueologia egípcia, na École du Louvre. A mesma através de suas obras, muito tem contribuído para divulgar a história e a cultura do antigo Egito.

⁵⁷ EGITO: terra dos faraós. p.88

⁵⁸ Ibidem, p.140

Ciro Flamarion Cardoso, na sua obra intitulada: “Antigüidade Oriental: política e religião”, cita que foi aluno da autora na École do Louvre em 1967, quando estudava língua e arqueologia egípcia⁵⁹.

Na obra “A Mulher no Tempo dos Faraós” Noblecourt tenta reconstituir a História da Mulher no antigo Egito, assim como o papel exercido por esta, utilizando-se de um número considerável de fontes bibliográfica e da leitura de inscrições encontradas em templos e tumbas, junto com a leitura da estatuária. Incluindo também fontes documentais encontradas através de escavações arqueológicas. Ao traçar a História das Mulheres, a autora aborda todas as classes sociais, não ficando apenas nas rainhas, como fazem a maioria dos historiadores. Além disso, ela busca a presença feminina nas divindades egípcias para compreender através dos mitos, a importância das rainhas.

Detecta-se facilmente que o Egito não foi construído apenas por faraós, como demonstra a tendência tradicional, mas também por mulheres que participaram dessa sociedade. O governo de Hatshepsut é analisado em dois capítulos.

Noblecourt mesmo quando trata das rainhas, passa informações que não encontramos na historiografia tradicional, como por exemplo quando se refere a esposa de Ramsés II, Nefertare:

A ela foi dedicado o mais belo santuário subterrâneo no Egito, o que foi escavado ao norte do grande templo de Ramsés, em Abu Simbel (...). Os traços da correspondência por ela trocada com os soberanos hititas provam que, como ilustres rainhas precedentes, ela esteve envolvida nos grandes fatos políticos do rei, de acordo com o rei, a rainha-mãe, o príncipe herdeiro e Paser, um dos vizires da época⁶⁰.

Em relação as demais mulheres ela diz:

De acordo com todas as aparências, assim se apresentava a mulher egípcia, feliz cidadã de um país em que a igualdade dos sexos parece ter sido considerada, desde a origem, como um fato natural e tão profundamente enraizado que o problema foi sequer levantado (...). Na antigüidade, o Egito é o único país que verdadeiramente dotou a

⁵⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Antigüidade Oriental: política e religião*. p.7

⁶⁰ NOBLECOURT, Christiane. *A mulher no tempo dos faraós*. p. 77

*mulher de um estatuto igual ao do homem. Isso é, sem dificuldade, constatado durante todo o período do Antigo Império*⁶¹.

Percebemos que a opinião de Noblecourt se diferencia da opinião de Cardoso, quando tratamos da obra: “Hekanakht: pujança passageira do privado no Egito antigo”, este diz que a mulher sempre esteve em posição inferior ao do homem e não em “pé” de igualdade.

Mas, Noblecourt parece segura do que afirma e diz:

*Enquanto na Mesopotâmia, na mesma época, os direitos sucessórios das mulheres eram muito restritos, no Egito eles eram oficializados. O caso mais célebre que chegou ao nosso conhecimento e onde aparecem mulheres capazes de receber uma herança é o famoso processo de Més, concernente a benefícios militares outrora concedidos pelo rei Ahmosé. (...). No Egito faraônico, a mulher com certeza agia sob sua própria responsabilidade, sem consentimento de um terceiro, ou, se fosse casada de seu esposo*⁶².

Vick Léon autora de “Mulheres Audaciosas da Antigüidade”, tem também uma outra obra com o título: “Mulheres Audaciosas da Idade Média”. León dedica um capítulo às mulheres do antigo Egito, tratando de forma resumida sobre cada uma das que se destacaram na História, sendo assim não deixa claro o papel desta na sociedade. A exemplo dos autores da tendência tradicional León fala mais nas rainhas. A linguagem é bastante clara e às vezes divertida, parecendo mais uma crônica. Por isso, devemos tomar cuidado com as informações passadas. No entanto, não se diferenciam muito das que encontramos em Noblecourt, como a de que as mulheres exerciam diversas funções inclusive de médica⁶³.

Léon diz:

⁶¹ Ibidem, p. 207

⁶² Ibidem, p. 214

⁶³ LÉON, Vicki. *Mulheres audaciosas da antigüidade*. p. 113

*As mulheres egípcias tinham de se duplicar como escritãs e estudantes só para estudar medicina, a qual nos tempos antigos era uma mistura eclética de ervas e tratamento eficazes(...)*⁶⁴.

Ao contrário de outros autores, que geralmente dizem ter sido Hatshepsut a única mulher a governar o Egito, utilizando-se de todos os títulos de faraós, ela diz que mais três também se apropriaram dos títulos entre elas, Twosret, esposa de Seti II⁶⁵.

Em relação a Hatshepsut Léon diz:

*Durante catorze anos de governo em sociedade, ela liderou, ele (Tutmés III). seguiu. (...) Mulher de negócio astuta, Hatti (Hatshepsut) mapeou um itinerário ousado para uma expedição comercial através do canal de Suez e em direção ao sul ao longo da costa da África até as terras do Ponto*⁶⁶.

León preocupa-se em relatar também, o que as mulheres egípcias faziam para se embelezar, citando que:

*A arte de Henut e de outros gurus cabeleireiros, freqüentemente retradado nos relevos dos túmulos de várias rainhas, prova que as mulheres vêm acreditando que os tratamentos de beleza valem a pena há mais de 4000 anos*⁶⁷.

Margaret Marchiori Bakos é professora de pós graduação em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bakos tem pós - doutorado em História do Egito, realizado no University College em Londres e enriqueceu seu aprendizado da escrita hieroglífica na City University. O mestrado foi concluído na própria universidade onde leciona atualmente (PUCRS) e o doutorado na Universidade de São Paulo (USP), em História Econômica.

⁶⁴ Ibidem, p. 63

⁶⁵ Ibidem, p. 113

⁶⁶ Ibidem, p. 72-73

⁶⁷ Ibidem, p. 63



Os artigos que analisaremos aqui, tem por título: “Visões da Mulher no Antigo Egito” e “Moças da Alegria”, ambos podem ser encontrados no livro “Fatos e Mitos Do Antigo Egito”, publicado pela PUCRS, em 1994.

No primeiro artigo citado a autora faz uma análise de alguns textos literários, pertencentes a diversos períodos da História do antigo Egito, que falam sobre a mulher. Através desses textos percebemos que a condição desta variou muito no decorrer da História.

Na Instrução de Pthahotep na V dinastia, a mulher *é citada e analisada sob quatro aspectos*, a mesma se constitui de quarenta máximas.

No primeiro aspecto:

Ptahotep aconselha seu filho a evitar o contato com as mulheres em qualquer lugar onde ele entre; quer como senhor, quer como irmão, quer como amigo.

No segundo aspecto:

aconselha-o a não ter cobiça, pois esta indispõe pai e mãe, irmãos e mãe e separa a mulher do marido.

No terceiro aspecto:

Aconselha-o a que, na prosperidade, ame sua mulher com ardor, encha sua barriga de comida, vista suas costas, dê-lhe óleos para o corpo e alegre seu coração enquanto viver.

No quarto aspecto:

Aconselha-o a evitar brigas com ela e a mantê-la longe do poder, pois este a perturba. Assim agindo, ele conseguirá fazê-la ficar em sua casa⁶⁸.

⁶⁸ BAKOS, Margaret. *Fatos e mitos do antigo Egito*. p. 33

Através desses conselhos, a idéia que se tem é da mulher egípcia sempre dentro de casa, tomando conta da mesma e do marido. Nos outros textos citados, a situação varia um pouco, mas não muito, como nas Instruções de Any (ver anexo) que talvez tenha sido produzida no Novo Império (2000 a 1580 a.C.), nesse texto a mulher aparece sendo valorizada como mãe.

No segundo artigo, intitulado: “Moças da Alegria”, Margaret Bakos comenta sobre a posição das rainhas, para depois falar sobre a mulher comum. Algumas das informações que encontramos no seu artigo, já foram comentadas no decorrer desse capítulo, quando citamos outros autores, inclusive por Noblecourt, pois “A Mulher no Tempo dos Faraós” foi uma das fontes consultadas por Bakos. A mesma utilizou-se apenas de fontes bibliográficas.

Bakos ao falar das mulheres diz:

Havia certamente alguns setores, nas casa, reservados ou considerados especiais para as mulheres. Entretanto, elas nunca estiveram confinadas a eles, como acontecia, por exemplo, nos gineceus, da Grécia Antiga⁶⁹.

Um outro ponto abordado por Bakos é:

A posição da mulher no antigo Egito era privilegiada, se comparada com a de suas contemporâneas(...). Uma mulher podia procurar o Conselho do lugar onde habitava e lastimar-se de alguma violência sofrida, acusando qualquer pessoa, até mesmo o próprio marido. Se queixa fosse julgada procedente, ela poderia divorciar-se⁷⁰.

Depois Bakos justifica o fato de estudar sobre a mulher no contexto do antigo Egito:

O estudo da situação feminina em contextos históricos da antigüidade ajuda-nos a entender como era a convivência entre

⁶⁹ Ibidem, p. 43

⁷⁰ Ibidem, p.49

*os sexos. E a compreender como e porque essas relações se alteraram ao longo da História da Humanidade*⁷¹

A exemplo do artigo de Bakos, encontramos o Ciro Flamarion S. Cardoso, que tem por título: “Algumas Visões da Mulher na literatura do Egito Faraônico (II milênio a.C.)”, publicado pela Universidade Estadual de São Paulo, um ano antes dos artigos anteriormente citados.

Cardoso para entrar no tema anunciado faz um pequeno histórico da posição da mulher no antigo Egito. Dizendo anteriormente que *já é quase lugar comum afirmar que, sobretudo em comparação com o que ocorria em outras civilizações antigas - ou mesmo em sociedades bem mais recentes o status da mulher do Egito dos faraós era privilegiado*⁷². Citando inclusive o nome de egiptólogas que trabalharam essa temática, como: Noblecourt, Lesko e Jassen. O mesmo ainda afirma que no antigo Egito é possível encontrar mulheres exercendo funções administrativas ou sacerdotais, mas *a presença delas nessas funções sempre foi quantitativamente muito inferior à dos homens*⁷³.

A contribuição do artigo de Cardoso consiste na comparação que ele faz entre as mulheres do rei e a mulher do povo, ao dizer:

*Não se vê grande diferença entre as mulheres do povo e, por exemplo, as dos haréns do rei, que aparecem em certos documentos como supervisoras de trabalhos têxteis em alta escala*⁷⁴.

Cardoso consultou fontes bibliográficas e textos pertencentes a literatura do antigo Egito em que a mulher aparece, como As Máximas de Ptahotep.

Nessa nova linha de pensamento historiográfico em que o papel da mulher na sociedade foi incluso, surgiram obras ainda mais específicas, como "Faraona de Tebas: Hatshepsut, filha do sol" do historiador francês, Francis Fèvre. A obra apresenta-se em uma linguagem literária, na qual percebemos a possibilidade de imaginação do autor, isso fica claro quando ele comenta sobre a sexualidade de Hatshepsut:

⁷¹ Ibidem

⁷² CARDOSO, Ciro Flamarion. Algumas visões da mulher na literatura do Egito faraônico (II milênio a.C.) p. 103

⁷³ Ibidem

⁷⁴ Ibidem, p. 104

A menina frustrada de não ser menino ter-se-ia sentido menos mulher, depois de tantos espelhos de pedra devolverem-lhe a imagem de corpo masculino? A mulher lúcida e adulta deve ter sorrido, sem dúvida, de tantos artificios, pois seus artistas domésticos continuam a representá-la como mulher. As ancas cheias, os ombros frágeis e a máscara felina inspiram - nos, mas nenhuma dessa estátuas tem o direito de sair da penumbra dos aposentos privados. Permanecem como fato excepcional, o presente para uma pessoa íntima, a face oculta e uma transformação monstruosa necessária para satisfazer um grande destino. Homem aos olhos do mundo, a faraona Hasthepsut governa o Egito juntamente com um faraó - criança⁷⁵.

No entanto, a mesma deixa sua contribuição ao tratar exclusivamente de um governo feminino, que é pouco abordado pelos outros historiadores.

A exemplo da obra de Fèvre, encontramos a de Christian Jacq: "Akhenaton e Nefertiti: o casal solar". Jacq é considerado um grande egiptólogo francês, e é autor da série Ramsés, constituída de cinco volumes. O mesmo também fez uma compilação de textos produzidos pelos antigos egípcios e publicou com o título de "Sabedoria Viva do Antigo Egito".

Na primeira obra citada, apesar de Jacq falar apenas em duas rainhas egípcias, faz de uma forma diferenciada, pois ele dedica um capítulo a Tii, mãe de Akhenaton e outro a sua esposa, Nefertiti. O tratamento dado às rainhas egípcias não é mais o de apenas esposas de faraós, mas de mulheres que participaram ativamente do governo de seus maridos. Ao falar de Tii, Jacq faz um pequeno comentário sobre a mulher egípcia na sociedade:

Personalidade marcante da História do Egito, Tii não é uma rainha eclipsada que permanece discretamente à sombra de seu marido todo poderoso (...). Sem dúvida, o Egito não foi jamais misógono e não confinou a mulher unicamente nas atividades domésticas. As mulheres do Egito galgavam as mais elevadas funções e sua condição social não tinha nada de catastrófico. Era costume, todavia, que a rainha do Egito ocupasse uma posição discreta enquanto que o faraó se mantinha na posição da vanguarda. No que

⁷⁵ FÈVRE, Francis. A faraona de Tebas: Hatshepsut, filha do sol. p.93

*diz respeito à Tii, o caso é diferente. Ela é realmente a mão direita de Amenófis III.*⁷⁶

Quanto a Nefertiti, Jacq afirma que:

*Ela não se limitava a um papel de mulher passiva e submissa. Tudo leva a pensar que, até o ano 15 do reinado de Akhenaton, Nefertiti foi uma das "cabeças pensantes" da civilização armaniana, quando não a principal, e ela enalteceu sem restrição ao culto de Aton*⁷⁷.

As duas últimas obras, utilizamos apenas para exemplificar que as mudanças ocorridas na historiografia sobre o antigo Egito, tem proporcionado não só uma reavaliação do papel da mulher na sociedade dessa época, como também proporcionou conhecer melhor a função das rainhas.

Antes já se tinha conhecimento da influência delas no governo de seus maridos, percebemos isso na obra de Mella ao tratar de Tii e na de Vercoutter ao citar Nefertiti, mas há uma diferença, embora sutil, na abordagem dos autores citados, se comparada a de Jacq, pois este, além de ser mais objetivo, ainda faz relação das rainhas com a mulher de um modo geral.

Relacionando algumas obras, percebemos que há uma certa diferença na abordagem que os autores fazem sobre a mulher. Cardoso, Baine e Málek, demonstram que a posição da mulher era inferior ao do homem, mesmo estas possuindo o que podemos chamar de privilégios. Enquanto, Noblecourt e Bakos se posicionam dizendo que era igual. Mas o importante é o fato desses autores resgatarem o papel desempenhado pela mulher na sociedade, apesar de divergirem no aspecto do status em relação aos homens.

⁷⁶ JACQ, Christian. Akhenaton e Nefertiti: filhos do sol. p. 57

⁷⁷ Ibidem. p. 70

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a historiografia sobre o antigo Egito, observando como a mulher insere-se no discurso dos autores, percebemos duas tendências historiográficas, que classificamos de tradicional e não tradicional.

No primeiro grupo que analisamos, vimos que os autores ainda estavam sobre a forte influência dos padrões tradicionais, apesar da produção de suas obras ter sido posterior a Escola dos Annales. A História do antigo Egito é abordada por eles, a partir da política, privilegiando o reinado dos faraós masculinos. Nessa visão tradicional a mulher só é citada como esposas de faraós e no caso de Hatshepsut, por ela ter se tornado um faraó, mas o seu reinado não é muito explorado. A visão construída pelos historiadores sobre as mulheres egípcias dentro da sociedade é a de que não exerceram atividades importantes, exceto as rainhas, pois não há referência as demais; com raras exceções estas aparecem como sacerdotisas e servas. Como constatamos na obra de Casson, que ao citá-las, faz de forma pouco clara. As fontes consultadas por este grupo foram basicamente bibliográficas. Apenas Casson e Lange foram mais além, o primeiro, o primeiro analisou pinturas encontradas em templos e tumbas de faraós e o segundo, utilizou-se de documentos pertencentes ao antigo Egito e obras egípcias encontradas em museus e coleções particulares. Entre eles, Cardoso foi o único que fugiu um pouco da História Política, apesar de fazer uma síntese da mesma, pois o seu objetivo foi o de dar atenção as estruturas econômicas e sociais. É possível notarmos em Cardoso uma leve influência da Escola dos Annales, que a princípio deu muita ênfase a História Econômica.

No segundo grupo a influência da Escola dos Annales é bastante clara. Os autores não ficam mais presos a História Política, surgem obras específicas sobre determinado

período da História do antigo Egito e sem exceção todas buscam de uma forma ou de outra, resgatar o papel da mulher egípcia na sociedade. Ao tratar das rainhas os autores vão mais além do que os citados no primeiro grupo, explorando a participação destas no governo de seus maridos. O reinado de Hatshepsut é analisado de forma mais satisfatória, visto que Noblecourt dedica dois capítulos para explicá-lo, enquanto anteriormente os outros autores explicavam em no máximo dois parágrafos. Em relação a mulher comum esta aparece exercendo diferentes funções, como o de médica e escriba, e através dos direitos jurídicos que possuíam na sociedade.

Nessa tendência há duas visões sobre as mulheres egípcias. Os autores Baine e Málek deixam claro, apesar de não explicitarem verbalmente, que a mulher egípcia possuía status inferior ao dos homens, enquanto Cardoso afirma categoricamente que as mulheres egípcias possuíam status inferior. Mas Noblecourt e Bakos, se posicionam de forma contrária, pois afirmam que as mulheres egípcias estiveram em posição de igualdade em relação aos homens na sociedade.

Os autores desse segundo grupo, com raras exceções ficaram presos as fontes bibliográficas. Montet por exemplo consultou um número variado de fontes, que o diferencia dos autores tratados no segundo capítulo, apesar de sua obra ter sido publicada em uma época em que os Annales exerciam pouca influência sobre os historiadores, 1946. Mas, como Pierret Montet era francês e viveu na época em que a França presenciou as mudanças na escrita da História, por isso acreditamos ter este recebido influência de forma mais rápido do que os seus contemporâneos, por isso publicou uma obra voltada para a História cotidiana dos antigos egípcios, com a inclusão da mulher.

A percepção que tivemos ao analisar a historiografia sobre o antigo Egito é a de que as mudanças ocorreram muito lentamente. Os historiadores resistem a aceitar novas tendências, por estarem preso as concepções de seu tempo. Mesmo ao aceita-las fazem de forma que deixam transparecer valores que os contradizem, como fez Vicki León ao intitular sua obra por: "Mulheres audaciosas da antigüidade". Apesar da autora tratar exclusivamente das mulheres, algo recente na historiografia, refere-se a elas como "audaciosas", por terem exercido funções iguais aos homens, esquecendo-se que o contexto vivido por essas mulheres, diferencia-se do nosso e por isso não é conveniente tratá-las como se pertencessem a nossa época.

O fato de os historiadores demorarem tanto a assimilar novas tendências historiográficas, fez com que a condição social da mulher egípcia na Antigüidade, ficasse por tanto tempo desconhecida. As fontes sempre existiram, percebemos isso, pois Will Durant faz referência a um historiador da Antigüidade, Diodoro, que não admitia que as mulheres egípcias tivessem tanta liberdade. Mas, uma parte dos historiadores do século XX, como já vimos, a princípio ignoraram o que as fontes falavam, primeiro porque não valorizavam a História Social, visavam apenas o aspecto político, depois o econômico; em segundo lugar, a arqueologia, fonte de apoio para a História Antiga, visava apenas as “belas - artes”, pois os arqueólogos trabalhavam a serviço de museus; em terceiro lugar, não levavam em consideração, a leitura da iconografia; e em quarto e último, não havia interesse em se conhecer a História das Mulheres.

A Nova História foi a responsável pela inclusão da mulher na historiografia e para sair em busca de seus vestígios, não foi mais possível, restringir-se aos documentos escritos. No caso do antigo Egito, encontramos historiadores analisando textos literários produzidos pelos antigos egípcios que falam sobre a mulher, como também fazendo análise da iconografia, onde esta aparece com frequência.

Percebemos também que os historiadores podem mudar seu posicionamento frente a determinados temas, pois encontramos Ciro Flamarion Cardoso em dois momentos da produção historiográfica. Na década de 1980, Cardoso publicou “O Egito Antigo” que pretendia dar atenção às estruturas econômico-sociais e culturais, mas não fez referência à mulher na sociedade. No entanto, vamos encontrá-lo na década de 1990, fazendo uma reavaliação da sua posição e preocupando-se em incluir a condição da mulher na sociedade, publicando inclusive um artigo sobre elas.

Sendo assim, nem todos os historiadores receberam de imediato a influência da Escola dos Annales, que demorou para expandir-se como proposta metodológica.

As mudanças ocorridas na historiografia nos proporcionaram conhecer melhor vários ângulos de um mesmo contexto histórico, como também o resgate dos excluídos, como a mulher.

Através desta pesquisa sobre a mulher na historiografia do antigo Egito acreditamos se possível no futuro apresentar novas questões referente ao papel feminino em outros contextos históricos, assim como a realização de outros trabalhos monográficos sobre História Antiga.

6 - BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Rubim S. Leão de; FRANCO, Denize de Azevedo; LOPES, Oscar G. P. Campos. **História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedade medievais.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

A ERA dos reis divinos: 3000- 1500 a.C. Rio de Janeiro: Abril, 1998.

BAINES, John; MÁLEK, Jaromír. **O mundo egípcio: deuses, templos e faraós.** Madrid: DelPrado, 1996.

BAKOS, Margaret M. **O que são hieroglifos.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. **Fatos e mitos do antigo Egito.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales, 1929- 1989: a revolução francesa da historiografia.** São Paulo: UNESP, 1997.

_____. (org). **A escrita da história: novas perspectivas na historiografia contemporânea.** São Paulo: UNESP, 1997.

Cardoso, Ciro Flamarion S. **O Egito Antigo.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____. **Hekanakht: Pujança Passageira do privado no Egito Antigo**. Niterói, 1993. Tese apresentada como parte do concurso para professor titular de História Antiga e Medieval. UFF.

_____. Algumas visões da mulher na literatura do Egito faraônico (II milênio a. C). **História**, São Paulo. v.12, p. 103-113.1993

CASSON, Lionel. **O antigo Egito**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1969.

DIAKOV, V; KOVALEV, S. (Orgs). **História da antigüidade**. São Paulo: Fulgor, 1965.
Vol. I

DURAN, Will. **Nossa herança oriental**. Rio de Janeiro: Record, 1963.

EGITO: terra dos faraós. Rio de Janeiro: Abril, 1998.

FREITAS, Marcos Cezar. **Da micro- história à história das idéias**. São Paulo: Cortez, 1999.

FÈVRE, Francis. **A faraona de Tebas: Hatshepsut, filha do sol**. São Paulo: Mercuryo, 1991.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da antigüidade oriental**. Petrópolis: Vozes, 1997.

JACQ, Christian. **Akhenaton e Nefertite: o casal solar**. São Paulo: Hemus, 1978

_____. **A sabedoria viva do antigo Egito**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

LANGE, Kurt. **Pirâmides, esfinges e faraós**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1958.

LE GOFF, Jacques; LADÚRIE, Le Roy; DUBY, Georges et al. **A nova história**. Lisboa: Edições 70, 1997.



LEÓN, Vick. **Mulheres audaciosas da antigüidade**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

LÈVEQUE, P. **As primeiras civilizações I: os impérios do bronze**. Lisboa: Edições 70, 1987.

MARÉS barbáras: 1500- 600 a.C. Rio de Janeiro: Abril, 1991.

MONTET, Pierre. **O Egito no tempo de Ramsés**. São Paulo: Companhia das letras, Círculo do Livro, 1989.

NOBLECOURT, Christiane Desroches. **A mulher no tempo dos faraós**. Campinas: Papyrus, 1994.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PETIT, Paul. **História antiga**. São Paulo: DIFEL, 1979.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: **Cultura histórica em debate**. São Paulo: UNESP, 1994. p. 81-93.

SOIHET, Raquel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História e ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____. Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas na historiografia contemporânea. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Raquel; MATOS, Maria et al. **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: CDUC, 1997. p. 55- 82.

SPENCE, Lewis. **Mitologia egípcia**. Lisboa: Editorial Estampa, Círculo de leitores, 1996.

VERCOUTTER, Jean. **O Egito antigo**. São Paulo: DIFEL, 1986

ANEXOS



**Fig. 1 - Tocadoras de instrumentos e dançarinas da XVIII dinastia.
Reproduzida de Baine e Málek, 1996:196.**



**Fig. 2 - Uma serva tocando harpa
numa casa nobre. Para os
banquetes, eram contratados músicos
profissionais. Reproduzida de
Casson, 1969:115.**



**Fig. 3 - Tyi : mãe de Akhenaton. Reproduzida
de Baine e Málek, 1996:130.**



Fig. 4 - O exemplo dado pelo autor é encontrado também na escultura, como vemos na ilustração em que aparece o anão Seneb com a mulher, Sentyolts e os filhos pequenos. Reproduzida de Baine e Málek, 1996:163




Fig. 6 - Serva transportando oferendas. Reproduzida de Baine e Málek, 1996:204

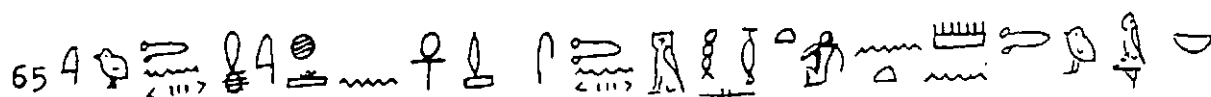


Fig. 5 - Fabricante de cerveja, cozinheiro e mulher moendo cereais do 1o período intermediário. Reproduzida de Baine e Málek, 1996:195

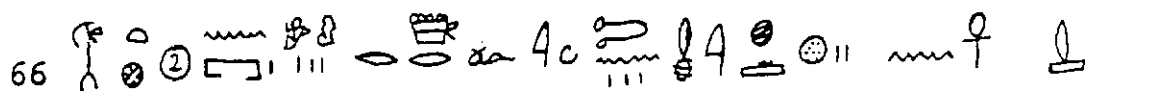
Hekanakht II: segunda carta de Hekanakht

64 ① 
s3 dd(.w) n mwt.f hm-k3 Hk3-nht n mwt.f 'Ipi n Htpt

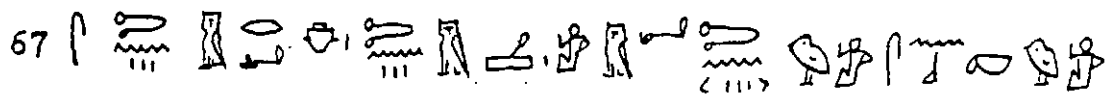
Um filho é que fala à sua mãe, o sacerdote funerário Hekanakht à sua mãe Ipi e a Hetepet.

65 
iw.tn mi ih (i)n 'nh wd3 snb.tn m hst nt Mntw nb

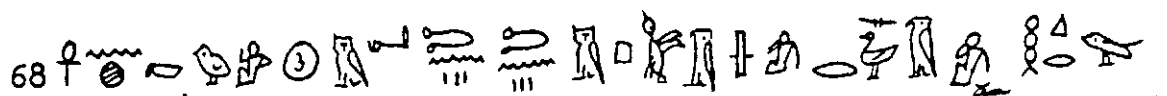
Como estais vós? (Estais em) vida, prosperidade e saúde? No favor de Montu, Senhor de

66 
W3st n pr(y)w r-dr.f iw.tn mi ih sp 2 (i)n 'nh wd3

Tebas! E (fala) a todas as pessoas da casa. Como estais vós? Como estais vós? (Estais em) vida, prosperidade e

67 
snb.tn m rdi ib.tn m-s3.i m.tn wi snb.kwi

saúde? Não vos preocupeis por mim. Vede, eu estou em boa saúde e

68 
'nh.kwi m.tn tn m p3 wnm r s3.f hkr(.w)

vivo! Eis que vós (estais) como aquele que comeu até ser saciado, (depois de) ter passado fome

INSTRUÇÕES DE ANY

Primeira:

Tome uma mulher enquanto você é jovem,
Que ela faça um filho para você;
Ela deve tolerar você enquanto você é jovem
Feliz é o homem que tem muitas pessoas.
Ele é saudado conforme sua prole.

Segunda:

Cuidado com uma mulher que é estranha.
Alguém não conhecida na cidade;
Não a fixe quando ela passa,
Não a conheça carnalmente,
Águas profundas cujo curso é desconhecido,
Assim é uma mulher longe de seu marido.
"Eu sou bela" ela lhe diz diariamente,
Quando ela não tem testemunha;
Ela está pronta para engodar você,
Um crime mortalmente grande quando isto é ouvido.

Terceira:

Retribua em dobro a comida que sua mãe lhe deu,
Sustente-a como ela sustentou você;
Ela teve em você um fardo pesado, mas ela não o abandonou.
Quando alguns meses depois de você ter nascido,
Ela ainda o tinha como sua canga.
Seus seios em sua boca por três anos.
Como você crescia seu excremento ficava nojento,
Mas ela não enjoava, dizendo: "O que podemos fazer?"
Quando ela mandou você à escola,
E você foi ensinando a ler e a escrever,
Ela ficou vigiando você diariamente,
Com pão e cerveja na sua casa.
Quando você como um jovem tomar uma mulher.
E você se estabelecer na sua casa,
Preste atenção no seu produto,
Faça-o crescer como fez sua mãe.
Não lhe dê motivo para amaldiçoá-lo
Para que ela não tenha que levantar suas mãos para Deus,
E ele tenha que a ouvir chorar.

Quarta e última:

Não controle sua mulher na sua casa,
Quando você sabe que ela é eficiente:

Nunca diga para ela: "Onde está isto? Pegue-o!"
Quando ela tinha colocado em lugar certo.
Deixe seus olhos observar, em silêncio
Então você reconhece sua habilidade;
É alegria quando sua mão está com ela,
Há muitos que não conhecem isto,
Se um homem desiste de lutar em casa,
Ele não encontrará o seu começo,
Todo homem desiste de lutar em casa,
Ele não encontrará o seu começo,
Todo homem que funda uma família
Deve deixar para atrás de uma mulher,
Não deixá-la roubar seu coração.

Epílogo:

O filho acha difícil seguir tantos conselhos

BAKOS, Margaret M. Fatos e mitos do antigo Egito. Porto Alegre: 1994. p. 34-36